O VALOR DO QUE SE PENSA E ESCRIVE OS REFERENCIAIS DE AVALIAÇÃO

Gilson Rampazzo *

QUANTO VALE O ABACAXI?

Nossa sociedade é essencialmente valorativa. A nossa cultura é assim. Avalia-se, mede-se. Índices, estatísticas, recordes, projeções, balanços, planejamentos – e uma parafernália de instrumentos e métodos cada vez mais precisos e sofisticados de medição.

Basta que observemos nossa vida, e nos perceberemos dependentes e condicionados a inúmeras medições: horários, gastos, salários, inflação, trabalho, expectativa de vida... Contamos minutos, dias, anos, quilômetros, centímetros. Torcemos pelos recordes, pelo mais veloz, pelo mais forte, pelo mais hábil. Aplaudimos o mais capaz, o mais produtivo. Competimos.

Mas quanto é que vale esse abacaxi?

Mesmo a obra de arte avalia-se por cifras. Tal quadro de tal pintor alcançou tantos milhões de dólares num leilão; tal quadro “não tem preço”: tal filme rendeu tantos milhões, tal peça teatral foi assistida por tantos mil espectadores, tal romance teve tantas edições...

Talvez você já tenha tido alguma vez essas fantasias de imaginar o que aconteceria se parassem todos os relógios, ou se sumisse todo o dinheiro existente. Ou então imaginou-se Robinson Crusoe redivivo, numa ilha deserta. Com certeza já sonhou ganhar sozinho com prêmios astronômicos da loteria... São os sonhos do desmedido. As desmedidas das necessidades, das carências, das obrigações. Liberdade não pode ter medida.

E quanto vale um abacaxi?

Mas medir não é avaliar, necessariamente. Pensar em avaliação não pode se confundir com a paranóia das medições. Há muitas situações em sua vida em que esse equívoco se deu, estou certo. Quantas vezes compramos o mais caro como sinônimo do melhor, ou confundimos o nosso conhecimento com a nota que tiramos na prova. Aqui, avaliar será pensado também como auto-avaliar-se, sem medidas. Ninguém “pagará” nada, nem “comprará.”

Quanto vale o abacaxi?

Num abacaxi pode ter muitos valores. Pode ter um preço; pode ser avaliado pelo prazer de saboreá-lo (ou pelo desprazer); pode ter um valor estético; pode significar a realização de um desejo; etc. O valor do abacaxi não é necessariamente medido pelas variações do mercado de frutas.

A questão da avaliação foi um dos grandes abacaxis que tive que aprender a descascar. Avaliar redações não é fácil, você sabe (ou pode imaginar). Envolve subjetividades, não é quantificável. O que é um bom texto? Que referências utilizar? Que funções tem a avaliação num processo de aprendizagem de Redação? Creio ter, hoje, respostas bastante razoáveis para essas e outras questões envolvendo avaliações, que se me apresentaram desde o primeiro exercício que propus para alunos. Mas há muito trabalho, estudo e reflexão para alcançar essas respostas. E o interessante é que hoje vejo que os problemas de avaliação transcendem muito a função meramente pedagógica. Relacionam, também, questões de filosofia educacional, de postura frente à própria vida, de definições até mesmo políticas – como, aliás, tudo que envolva valores (no sentido que você queira dar a esta palavra).

Avaliar não é somente posicionar-se ante o explícito, mas também ante o implícito. Suponhamos uma situação aparentemente simples de avaliação: um professor de matemática vai avaliar um problema proposto por ele e resolvido pelo aluno. Na aparência é fácil: o professor deve verificar se o resultado está correto ou não. Certo ou errado. Mas, se estiver errado o resultado, deve o professor avaliar igualmente o aluno que sequer tentou resolver e o aluno que se esforçou em fazer inúmeras (mas “erradas”) operações? E o aluno que desenvolveu corretamente o raciocínio, mas errou uma operação simples de soma? E o aluno cujo resultado está correto, mas a resolução deixa de apresentar uma operação: fez “de cabeça” ou “colou”? E se metade da classe não resolveu corretamente: a classe não estudou ou o professor não a preparou convenientemente? Avalia-se o professor quando se avalia o aluno?

Avaliação não é somente nota ou medição. É o momento final de um processo iniciado quando o produto avaliado era ainda intenção. Envolve, portanto, todo o processo, e, em função da verificação dos resultados, escolhe-se um código. O código pode ser uma escala, uma relação de conceitos,

* Professor de Redação do Colégio Equipe - Coordenador do Laboratório de Produção de Textos do Museu Lásar Segall.

uma planilha, o resultado de várias medições, etc. Você, por exemplo, não avaliará do mesmo modo o desempenho de uma máquina e o aprendizado de uma criança... De qualquer forma, a opção pelo código e sua utilização é o momento final do processo de avaliação. O código não deve ter para quem avalia (e sobretudo para quem é avaliado) um valor absoluto.

Aqui temos um sério problema. Em nosso processo educacional, nós começamos a ser "avaliados" muito antes de compreendermos o que isso significa – pelo menos nas escolas tradicionais, que se constituem na quase totalidade das escolas brasileiras. Estou me lembrando do último dia de aula do meu primeiro ano primário. A professora, Dona Wanda, chamou-me à frente da classe juntamente com mais três coleguinhas. Fui tenebroso; afinal, a mesma dedicada senhora, durante o ano, já tinha quebrado uma régua de madeira em minha cabeça, sem contar as outras "avaliações" menos iradas do meu comportamento. Mas naquele dia, nem eu, nem meus colegas tínhamos "aprontado" nada de mais grave. A professora, num tom solene, fez um discurso breve e emocionado, exaltando a meus colegas e a mim por termos sido aprovados em primeiro lugar com a média noventa e dois, concluindo por pedir que o restante da classe nos aplaudisse. Fiquei muito constrangido, mas o Rafael, um garoto esperto que não tinha um pedaço de uma orelha, pergunta, assim que acabou a balbúrdia da classe:

– Professora. O que é média 92?

Ele, como eu, tinha "passado em 1º lugar", mas não tínhamos a menor idéia do que isso significava. Com toda certeza, aconteceu coisa semelhante com os que foram reprovados. Começava a entrar em minha vida essa "coisa" mágica da "nota", símbolo de um poder inquestionável do professor, que raramente explicava o porquê de perguntar o que perguntava e de ensinar o que ensinava. Raros professores meus avaliaram verdadeiramente meu trabalho em suas matérias, desde o primário até (e sobretudo) a faculdade. Tenho absoluta certeza de que com a maioria dos leitores deste texto foi a mesma "coisa".

Por isso, ao discutirmos avaliação, gostaria que você revisse o significado dessa palavra. Procure despojá-la desse caráter de instrumento de poder, de mera medição, dos traumas que porventura você tenha (quem não os tem?).

O verdadeiro instrumento de avaliação não é a escola, as medidas, ou qualquer outro modo como ele se materialize. O verdadeiro instrumento é o critério. Os critérios não são invenções aleatórias de quem avalia (ou pelo menos nunca devem ser). Eles resultam da compreensão do trabalho realizado em todos os seus componentes ativos e, principalmente, da clareza dos objetivos. Os objetivos respondem a uma questão geral: "o que eu pretendo com meu trabalho?". A avaliação, em contrapartida, responde: "eu atingi meus objetivos?". Há trabalhos que têm objetivos bem precisos e, nesse caso, a avaliação é relativamente simples. Um comerciante, por exemplo, tem o objetivo de vender, num mês *n* pares de meias. No final do mês, numa avaliação, ele verifica se atingiu ou não a meta fixada: vendeu *n* ou mais ou menos que

n. Mas, mesmo nesse caso, a avaliação não é assim tão simples. Se ele for criterioso, vai procurar analisar por que vendeu aquele número; se suas estratégias de venda foram ou não adequadas; se pode ou não definir novas metas; como pode melhorar seu desempenho; etc.

Observe que, por mais objetivas que sejam as metas (objetivos) do nosso hipotético vendedor de meias, há a interferência de fatores subjetivos: deve mudar a padronagem? Deve mudar o relacionamento com os fregueses? Uma avaliação correta deve prever esses fatores subjetivos.

Mas nós não vendemos meios; avaliamos redações. E reduzir sempre envolve subjetividades, mesmo um texto objetivo, como o ensaio. Não podemos mascarar esse fato, nos iludindo e aos alunos com o mito da objetividade absoluta. Nossa tarefa, ao avaliar, é sugerir os principais critérios de avaliação, que servirão ao mesmo tempo de referenciais de auto-avaliação do estágio do aluno e do ponto de partida para que trabalhe suas eventuais deficiências e se certifique de seus progressos. Em outras palavras, nossos critérios devem responder a uma questão principal: "o que é necessário para que um texto seja considerado bom?". (E a resposta a essa pergunta varia conforme o tipo de texto trabalhado – só para citar uma das muitas variáveis a serem consideradas).

Temos que levar em conta, porém, que critérios sempre resultam de opções. E opções também envolvem subjetividade. Outros professores, a partir de outros objetivos ou de outras posturas filosófico-pedagógicas, podem estabelecer outros critérios, diferentes dos meus, para avaliação de um mesmo tipo de texto. Os critérios geralmente são objetivos; as opções, nem sempre. Importa, qui, se o aluno considera coerentes minha postura e minhas posições frente ao processo de ensino de Redação. Ou seja: o aluno *nos* avaliará.

É claro que não "tirei da cartola" os critérios que utilizo. Resultam de anos de trabalho, de muita atenção ao processo de aprendizagem de milhares de alunos, do auxílio de muitas pessoas que me assessoraram e assessoram no trabalho de avaliação das redações, da colaboração de colegas e de pessoal de apoio pedagógico, da definição de uma metodologia de ensino, do planejamento consciente do trabalho; e, sobretudo, de muito respeito, não só aos alunos, mas também a mim mesmo: assumir minhas características pessoais, minhas limitações e potencialidades, minha intuição – ou seja, minha subjetividade.

O aluno precisa saber que nossa subjetividade atua também na avaliação de seu texto e entender que, como ele, podemos falhar. A busca de critérios objetivos é comum. Essa relação sincera propiciará a necessária tranquilidade para que tenhamos condições de controlar o que é pernicioso na avaliação, aquilo que é somente subjetivo. Sabedor de nossa "falibilidade", o aluno nos cobrará critérios e, portanto, nos auxiliará na definição de muitos aspectos que intuitivamente (ou mesmo subconscientemente) atuam na avaliação.

Os critérios resultam, então, daquilo que aprendemos e sabemos, e daquilo que intuimos. E se temos primordialmente como objetivos de fato promover o progresso do aluno na qualidade expressiva de seus textos, estaremos contribuindo para que os critérios passem a funcionar para ele como referenciais de auto-avaliação – em que também as peculiaridades de sua subjetividade sejam consideradas. Aos poucos ficará claro aquilo que é comum a qualquer texto e aquilo que é próprio do texto dele, que é tão (ou mais) importante que os critérios, digamos, “universais”.

Em outras palavras, nosso objetivo com a avaliação deve ser o de oferecer aos alunos referenciais de auto-avaliação, para que eles saibam, ao final do trabalho, questionar com objetividade, tanto quanto possível, seus próprios textos; e respondam por si mesmos às questões: “meu texto está bom?”. E finalmente, para que eles, numa análise auto-crítica, possam rever seus textos e melhorá-los sempre, a cada redação, prescindindo de outros leitores (e professores) para isso.

Avaliação é um abacaxi que deve ser descascado junto com os alunos. Com paciência, não se perderá muito do fruto. E com sorte, ele não estará azedo...

REFERENCIAIS DE ANÁLISE E AVALIAÇÃO

A atividade de avaliação de textos é complexa. Não posso avaliar de um mesmo modo um texto de um aluno de curso primário, um de aluno de secundário e um universitário. Rigorosamente, é até mesmo difícil avaliar da mesma forma textos de dois alunos da mesma classe. Não existem duas pessoas com o mesmo domínio vocabular, que tenham processos de aprendizagem idênticos, que revelem as mesmas preferências, que tenham as mesmas dificuldades... Muitas e muitas vezes alunos me perguntaram: como você pode avaliar algo tão subjetivo como uma Redação...? Além disso, como já afirmei, a própria escolha dos critérios é subjetiva. Resumindo: há muito de subjetividade na avaliação de uma redação – o que ocorre, aliás, com qualquer atividade expressiva que se avalie.

Para mostrar um pouco mais da complexidade dessa tarefa, lembremos que os textos se formalizam diferentemente. Não posso avaliar do mesmo modo um poema, uma crônica, um conto, um ensaio. Isso tudo se complica mais, se colocamos a questão gramatical, o leitor a que o texto se destina, o estágio e o contexto que o texto tem, sua função, as peculiaridades de estilo, etc. E ainda há que se considerar aquele que avalia: sua formação, sua experiência, sua capacidade crítica, seus objetivos, sua responsabilidade, sua inteligência, enfim, sua subjetividade.

Frente a tudo isso, como nos colocarmos para os alunos sem que nossa avaliação pareça mero exercício de autoridade? Como dizer a eles que seus textos são ótimos, bons, razoáveis, satisfatórios, insatisfatórios, ruins, péssimos, ou sei lá que gradação de qualidade possa-se dar à expressividade de suas redações? Como estimular os que não têm um desempenho ao menos satisfatório (os que realmente nos interessam; os que precisam evoluir) para que continuem tentando? Que significado tem, de fato, para eles o código de avaliação utilizado (escala, notas)? Enfim: o que queremos com nossa avaliação?

Descarto, sem discussões, a falsa saída de, em nome de um pseudo-respeito à individualidade do aluno, não avaliar seu texto. Apenas em situações muitíssimo peculiares isso é aceitável. Então, o que nos resta é assumir o abacaxi e tentar saboreá-lo (avaliação de redação não é tarefa para alérgicos...).

Como um modo de aclarar mais essa atitude frente aos alunos, vou simular. Suponha que o texto que se segue seja dirigido a meus alunos. Suponha ainda que a discussão que o texto sugere fosse feita num momento não inicial do curso. Minha intenção é ilustrar o que afirmei antes, de uma maneira mais enfática. Se você é professor, coloque-se no meu lugar.

Você vem sendo avaliado por mim desde os primeiros textos produzidos. Tenho me esforçado por deixar claros meus critérios e insistido em que você contraponha minha avaliação a uma auto-avaliação sua. Seria muito interessante que, a propósito deste texto, você revisse como se deu sua avaliação, em função dos comentários que sempre faço no início das aulas antes de devolver seus textos. Embora meus critérios se baseiem em anos de experiência como professor, este texto foi redigido antes de começar as aulas de sua classe, e, portanto, eu não o conhecia. Imaginei um leitor médio, hipotético, e redigi para “ele”. Esse leitor está agora materializado em você. Nunca eu poderia prever prever exatamente a sua redação. O mesmo se deu com o curso que você está fazendo. Foi planejado na expectativa de uma classe parecida com a sua (se isso não acontecesse, teria mudado meu planejamento).

Por isso, optei por critérios mais ou menos abrangentes, que procurassem cobrir o máximo possível de variações individuais, que, sempre tive certeza, ocorreriam quando o curso fosse posto em prática –; não bastassem a peculiaridades de cada aluno, a metodologia que sigo estimula essas variações pessoais.

Se você fizer essa revisão (se é que já não a fez) perceberá que há preocupações muito diferentes nas avaliações de poemas, de crônicas e de contos; e que as de ensaio são ainda muito mais peculiares. Você notará, também, que há uma preocupação presente em todos os tipos de textos, desde os primeiros: linguagem. O curso privilegia esse aspecto, porque é a linguagem que traduz o que há de pessoal na redação. Pense em particular nesse aspecto, recorrendo à sua experiência com os diversos tipos de textos.

Você sabe que são essencialmente diferentes os exercícios em que você era o "escritor" e os que você era o leitor. Procure deixar bem claras suas posturas nessas atividades. O leitor "analista de textos" esforça-se por compreender processos, estruturas – enfim, procedimentos criativos do autor. No seu caso, esses exercícios sempre tinham uma função de ilustrar a teoria, algo mais ou menos como: "Está vendo? O que eu falei é de verdade..." Mas podem ter tido outras funções para você, como: conhecer autores, familiarizar-se com a linguagem, rever conceitos aprendidos antes, estabelecer contato com textos que não estava acostumado a ler, etc. Analise as eventuais importâncias (não previstas nas questões dos exercícios) que a leitura desses textos teve para você. Lembre-se: aí você estará reavaliando como leitor.

Como "escritor", você estará se auto avaliando. Se não tem o hábito de reler seus textos, com certeza terá muitas surpresas. É que o tempo favorece o necessário distanciamento crítico para que se possa auto-avaliar. Procure colocar-se realmente como leitor, ainda que de si mesmo. Não fique constrangido se seus antigos textos lhe parecerem ruins. Antes, rejubile-se; afinal, isso indica que você evoluiu. Não é fácil auto-avaliar-se. Exige um treinamento tão ou mais trabalhoso que o de aprender a redigir. Não tem sido outra minha preocupação em avaliar seus textos. Ponha-se, então, nessa posição de quem redige e lê-se ao mesmo tempo. Mas não force uma falsa posição de ler o próprio texto como se fosse de outro. Bons ou ruins, seus textos são seus mesmo e representam estágios de seu processo de aprendizagem. Respeite-se, sem negativismos ou exagerada indulgência, sem auto-consideração ou narcisismo. Não compare seus textos com os citados por mim em ilustrações ou exercícios. No máximo retire do texto alheio alguma possível aplicabilidade no seu exercício. Mas nunca os tome como modelos. Os textos alheios servem como exercício crítico seu. Somente isso. O seu processo de redação é único e incomparável no que tem de mais significativo e peculiar, e não interessa se você é melhor ou pior que os outros. Interessa, sim, se dentro do seu processo está havendo crescimento e evolução. É isso que você vai avaliar.

Auto-avaliando-se, você certamente compreenderá melhor o meu trabalho de avaliação. Eu não sou propriamente um crítico literário, que julgue seu trabalho a partir de padrões estético-literários superiores. Embora ocupe a posição do leitor (analista e crítico), procuro posicionar-me ao seu lado, respeitando seu processo de aprendizagem e seu estágio. Procuro mostrar a você que sempre é possível evoluir e acredito irrestritamente que você é capaz de ir além do que está. Numa palavra que resume minha posição, sou um professor (um educador, se você preferir).

Contudo, minha posição nunca é de condescendência. E se você produzir textos falhos sabe disso. Procuro respeitar seu trabalho, e essa postura às vezes requer que aponte somente falhas. Creio que o mínimo que você pode exigir de mim é que eu seja sincero nas minhas avaliações. Mas, como você, eu também posso falhar. Sou muito tranquilo em relação a isso. Assim como

acho que você não tem que se desculpar por suas falhas nos textos, porque elas fazem parte do seu processo, também não sinto a menor necessidade de me desculpar se falhar em alguma avaliação de seus trabalhos. É óbvio que não me eximo de responsabilidades e que me esforço ao máximo para que essas falhas não ocorram.

Como você, eu também tenho meu processo de aprendizagem e evolução. Como você, também não me contento com meu estágio atual. No seu processo ocupamos posições diferentes, e a minha é bastante privilegiada; mas há muito em comum entre nós dois. Resumindo uma longa conversa, avaliação é troca. Você poderá sentir claramente quando auto-avaliar-se.

Por tudo isso, avaliação não é somente crítica, mas sobretudo auto-crítica. E também não confunda auto-crítica com mea-culpa. Pela avaliação, conhecem-se falhas e qualidades; a partir daí, determinam-se estágios; e finalmente o avaliado (ou o auto-avaliado) encontra e toma consciência de seu nível em seu processo de aprendizagem. É por essa razão (ou pelo menos deveria ser) que as escolas definem escalas (as famigeradas notas). Em princípio, as escalas são corretas, do ponto de vista metodológico. Mas como você pode perceber neste curso, as escalas não são essenciais. Essencial é avaliar e auto-avaliar-se, para que se dêem subsídios ao necessário processo de auto-crítica. No entanto, a auto-crítica pela auto-crítica é inócua. Além dessa função de determinar estágios num processo, ela só se justifica se tivermos um objetivo maior, além, ainda, da nossa própria auto-estima e satisfação pessoal. No caso de Redação, esse objetivo – novamente sintetizando longas digressões – chama-se *leitor*. É por causa dele, leitor, que nos esmeramos, nos reciclamos, procuramos evoluir, nos esforçamos, etc., etc.

E aqui nos encontramos de novo, você e eu. Porque, afinal de contas, o que é que estamos querendo aqui senão isso de nos fazermos melhores? E isso é possível sem os outros? Quem são os outros? Bem, no caso de redação é o leitor...

E OS CRITÉRIOS?

Paro por aqui. Os textos que você acaba de ler foram adaptados de um trabalho bem mais amplo feito para outro contexto. Foi utilizado, também, como base de discussão sobre avaliação, numa semana de planejamento no colégio em que leciono redação (a propósito, agradeço as críticas dos colegas, que me propiciaram algumas reformulações importantes). No seu contexto original, estes textos são uma introdução aos critérios de avaliação de texto conceitual. Falar, aqui, sobre esses critérios demandaria um espaço que esta revista não dispõe. Quem sabe um dia nos encontramos por aí e conversamos sobre isso. Se não, converse com seus alunos, ou com seus colegas, ou com seus professores, porque avaliação é assunto carente de muita opinião, principalmente num país como o nosso.